Pemba T. 842 30/11/86

Falta de água origina candonga

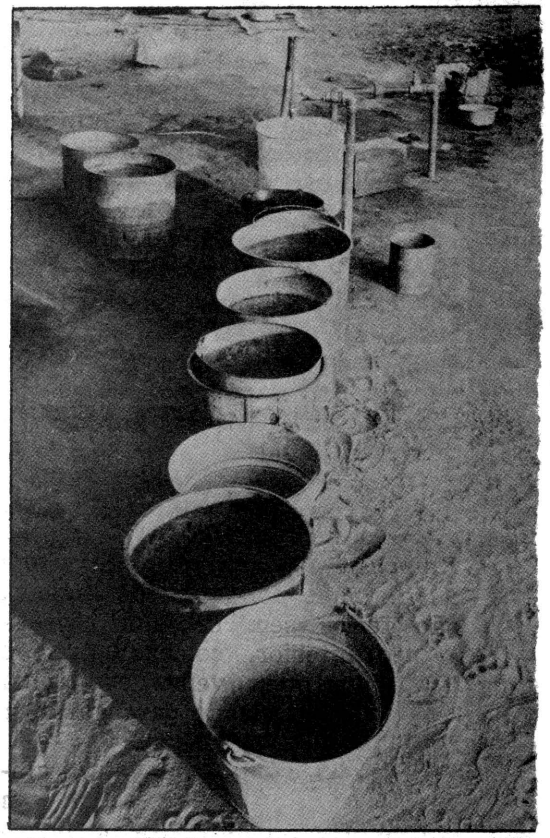
O abastecimento de água à cidade de Pemba capital da província de Cabo Delgado, enfrenta vários problemas de difícil solução devido à diversidade da sua origem. A falta de água afecta sectores públicos e a vida doméstica dos moradores desta cidade.

Os problemas que concorrem para a crise do abastecimento de água à cidade de Pemba vão desde a fraca capacidade de bombagem do sistema de Chuíba até a avarias frequentes na tubagem da rede de distribuição. Por outro lado, assiste-se a um crescimento demográfico na cidade e ao rompimento da tubagem, por vezes propositada, o que agrava o dispêndio da água em detrimento da que chega aos depósitos.

A maior parte da área que circunda a cidade de Pemba tem falta de fontes para a obtenção de água potável. Nalguns bairros, existem poços que, maioritariamente só têm utilidade durante o período das chuvas.

Devido a esta falta de fontes de abastecimento de água, mulheres com latas à cabeça percorrem grandes distâncias para buscarem água em cisternas ou em algumas casas da cidade. É uma cena diária ver dezenas de mulheres na estrada do Aeroporto por onde passam para irem buscar água perto da Cerâmica de Pemba.

Num contacto tido com a Directora da Empresa Águas de Pemba, Olga Daniel soubemos que se está a trabalhar com um sistema de bombagem muito velho com uma capacidade reduzida em relação às necessidades actuais da cidade, além de frequentes avarias na re-



Algumas torneiras deitam água regularmente e os moradores cobram dez a cinquenta meticais por cada lata de água

de de distribuição. A falta de materiais tem feito com que os tubos rotos permaneçam a verter água durante muito tempo mesmo que as brigadas de recuperação e verificação de canalização se disponham a tempo para o trabalho.

A situação nos bairros suburbanos difere um pouco da dos bairros de cimento. Durante o período chuvoso e os meses que se seguem ao verão, os moradores dos subúrbios abrem poços pouco profundos onde buscam água enquanto noutras casas aproveitam a água das chuvas que conservam em reservatórios.

Por outro lado, com a ajuda da Unidade de Direcção do Abastecimento de Água e Salubridade (UDAAS), os bairros suburbanos começaram a ter poços melhorados para minimizar a crise da água.

O responsável da brigada de construção de poços na UDAAS em Pemba, Alberto Niquileva disse haver brigadas que fazem a pesquisa e construção de poços nos bairros apesar de terem pouco apoio dos moradores em alojamento, alimentação e reforço da mão-de-obra, além das dificuldades que enfrentam na abertura dos poços devido à grande profundidade a que se encontra agora a água — dez a quinze metros. Ele acrescentou que apesar de todas estas dificuldades, «existe um esforço para abrir os poços em todos os bairros».

Por outro lado, a falta de água compromete as regras de higiene colectiva já que devido à situação as pessoas preferem abrir poços pouco profundos e sem protecção ou tiram água dos charcos. No bairro de Natite, por exemplo, na zona de Navite, há um pântano com algumas dezenas de poços onde a população vai buscar água. Os poços que são individuais e sem as mínimas condições de higiene, são feitos sem nenhum revestimento interior, colocando-se em cima um pneu velho com uma tampa com cadeado para garantir o controlo de utilização.

Para retirar a água, utilizam-se baldes ou panelas puxadas com cordas de sisal. A falta de higiene no local deve-se ao facto de os utilizadores lavarem a louça junto dos poços o que faz com que resíduos de comida e água suja se infiltrem para dentro deles.

CANALIZAÇÃO CLANDESTINA

Em algumas casas há canalização clandestina que funciona deficientemente. Os ocupantes das casas onde foi montada esta canalização clandestina cobram entre dez a cinquenta meticais por tambor aos demais moradores da zona que para lá se deslocam para tirar água.

Como durante o ano raramente a água sai nas casas de Pemba, surgem complicações entre a empresa e os moradores. Os consumidores não pagam a água que não recebem e a empresa bloqueia a canalização. Outros há que preferem pagar metade do valor cobrado como forma de «manter o sistema ligado porque um dia a água pode vir a sair», tal como disse Alfredo Monteiro Tavares, Chefe do Departamento Técnico da Empresa de Águas de Pemba.

No que se refere à canalização clandestina, o problema tem sido resolvido pela Empresa de Águas sempre que o consumidor pede a colocação do respectivo contador. O material é comprado pelo utilizador.

A cobrança da água em latas entre moradores e a preços especulativos não é do conhecimento da empresa e é uma candonga que começa a consolidar-se dado que as pessoas já não reclamam devido à falta do precioso líquido.

G.C.S.